

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA
22 e 23 de Outubro de 2024

MONJAS CORONADAS / 1978

Realização: Toni Kuhn, Paul Leduc, Carlos Resendi, Bebe Kamin, Antonio Ruíz *Exposição:* Monjas coronadas Museo del virreinato tepozotlán, México *Com:* Luisa Durón, Guadalupe Pineda *Supervisão:* Carlos Velo.

Produção: Centro de Produccion Audiovisual (México, 1978) *Cópia:* DCP (a partir de original em película), cor, versão original em castelhano legendada em inglês e electronicamente em português, 12 minutos *Inédito em Portugal, Primeira apresentação na Cinemateca.*

BARROCO / 1989

um filme de PAUL LEDUC

Realização: Paul Leduc *Argumento:* José Joaquín Blanco, Jesús Díaz, Paul Leduc, *inspirado em Concierto Barroco* de Alejo Carpentier (1974) *Fotografia:* Ángel Goded *Montagem:* Rafael Csatanedo *Direção artística:* Julio Esteban *Caracterização:* Joaquín Navarro *Interpretação:* Francisco Rabal (El Hispano), Ángela Molina (La Sefardita), Ernesto Gómez Cruz, (El Indiano), Roberto Sosa (Alter Ego), Alberto Pedro (El Criado), Juan Peña Lebrijano, Grupo Andalusi de Tánger, Enrique Bonne, Elena Burke, José Antonio Méndez, Pablo Milanés, etc.

Produção: Opalo Films para Television Española (México, Cuba, Espanha, 1989) *Co-produção:* Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematograficas, Sociedad Estatal Quinto Centenario *Cópia:* DCP (a partir de original em película), cor, versão original em castelhano legendada em inglês e electronicamente em português, 107 minutos *Estreia:* Festival Internacional de Cinema de Cannes, secção Un Certain Regard *Inédito em Portugal, Primeira apresentação na Cinemateca.*

duração total da projecção: 119 min | sessão de dia 22 apresentada por Boris Nelepo

Barroco. O estilo artístico de origem italiana, constituído a partir de finais do século XVI em contraste com o classicismo renascentista, e que se expandiu pela Europa e dela, por via colonialista, para os territórios da América Latina e da Ásia, pode ter derivado da palavra italiana *barocco*, termo de filósofos na Idade Média, ou da palavra portuguesa que designava pérola de forma irregular. Aberto a variações, reconhece-se na tendência para a representação realista de excesso teatral, dramático, fantasista, extravagante, dando relevo ao cenográfico ou a contrastes luminosos. Florescente nos dois séculos seguintes, foi identificado de pleno direito no princípio do século XX, associando-se hoje, de imediato, à pintura italiana de Caravaggio, à pintura flamenga de Rubens e Rembrandt, à pintura espanhola de Velásquez, à pintura francesa de Nicolas Poussin... Ou, na música, ainda a Ocidente, em composições de elementos contrastantes, harmonia tonal, contraponto. Na Europa, são genericamente menos conhecidas as referências artísticas de outras latitudes, *Barroco* é uma boa entrada em tal universo.

É de Nicolas Poussin a pintura *Uma Dança para a Música do Tempo* cujo título esta retrospectiva Paul Leduc adoptou (*Danse à la musique du temps*, circa 1634-36; a sua reprodução está impressa no catálogo Doclisboa 2024). *Barroco* é então o título da longa-metragem de 1989 de Paul Leduc, na década de *La cabeza de la hidra* (1981), a partir de Carlos Fuentes, de *Frida, naturaleza viva* (1983), um dos seus filmes nucleares, um dos mais populares ao lado de *Reed: México insurgente* (1970), e uma das referências fílmicas sobre a extraordinária Frida Khalo. Leduc realizou o seu filme a partir do romance *Concierto barroco* de Alejo Carpentier, como primeira parte de uma trilogia musical sem diálogos, a completar com *Latino bar* (1991) e *Dollar mambo* (1993). Sem diálogos, não sem palavras porque elas se encontram nas canções. Porque a música, como a dança, comandam a ideia de cinema despojado de *palavras faladas* como possibilidade formal justa na perspectiva da cultura latina-americana de Leduc. A trilogia procura o eixo da música na história da América Latina. Construído em quatro andamentos, segundo a pauta que começa com “Contradanza Uma non tropo”, *Barroco* organiza-se em volta desse livro aberto sobre a estante musical quatro vezes filmado em grande plano. A estrutura é circular, figura cara a Leduc: o filme concentra-se numa incursão pela história ibero-americana através da música e da dança, sobrepondo tempos históricos e propondo um jogo de espelhos, de reflexos (os espelhos são um elemento

pululante nos cenários) entre a Guerra de Independência Cubana, a Guerra Civil Espanhola e a conquista do Império Asteca e as óperas de Vivaldi e Graun dedicadas a Montezuma. Mas não apenas, já que a contemporaneidade intervém, os dados se misturam, as referências se cruzam, com o protagonismo de Francisco Rabal (no papel do espanhol), anos antes de ser filmado por José Álvaro Morais como o Tio Nini de *Peixe-Lua*, Ángela Molina (no papel da sefardita), antes também do seu encontro português com Jorge Silva Melo em *Coitado do Jorge*, e Ernesto Gómez Cruz, (no papel do índio).

Numa entrevista de 2007, acessível em território virtual, em inglês e em português do Brasil, Leduc exprime-se assim sobre o seu cinema: “Em 1970 [com *Reed: México insurgente*], estávamos todos, os latino-americanos, os brasileiros inclusivé, buscando uma linguagem diferente – esse era o nosso foco. Discuti muito isso com Glauber [Rocha] depois, até porque não me parecia muito apropriado falar de uma linguagem latino-americana num continente que abriga tão grandes diferenças. Glauber, que trouxera à cena a estética da fome, falava por exemplo de uma linguagem baiana, ligada ao tropicalismo. Eu lhe dizia que no México seria falso fazermos filmes por esse caminho, com a forma e a linguagem que Glauber usava. O México tinha mais a ver com o que emergia de um criador como Juan Rulfo, um escritor do silêncio, do deserto, dos vales secos. O ritmo é muito diferente nos países onde existiram civilizações indígenas, em relação àqueles para onde vieram os negros – a música o demonstra. Não se trata de um ser pior, outro melhor, trata-se de ser diferente. Mas o fato é que, com essa visão da música e da linguagem, eu pensava que para contra-arrestar um pouco a linguagem do cinema norte-americano eu precisava estender o tempo – uma bobagem, porque as coisas não são tão simples assim.” Na mesma entrevista, sobre *Barroco*: “Não é um musical: é um filme sobre a música. Não tem nenhum diálogo e o roteiro, a única coisa que pretende é sugerir respostas à pergunta que faz Miguel Matamoros numa das canções mais populares de Cuba: *De onde são os cantores?*”

É uma estrofe de início, como no fim, recorrente no filme. O seu refrão. A espiral sobre a qual *Barroco* gira. No começo, a câmara aproxima-se de um cacto no primeiro plano visual (em *raccord* com o plano a negro musical que dá o tom de partida), e, pelo menos a uma espectadora portuguesa, o gesto lembra o movimento de Manoel de Oliveira de roda da majestade da árvore africana de *Non ou a Vã Glória de Mandar* – um filme contemporâneo do de Leduc e que com ele partilha outra afinidade, a do estilo com que Oliveira constrói o segmento da Ilha dos Amores – é possível descrevê-lo como barroco –, com ninfas e navegantes na floresta densa à beira do oceano, a “emparelhar”, no filme de Leduc, com a sequência das sereias em particular. Ainda, claro, que as referências sejam sobretudo pictóricas e sobretudo possam lembrar, no cinema, a marca estilística de universos como os de Werner Shroeter ou Carmelo Bene. Registe-se a possibilidade de parentescos, sublinhando-se como os estilhaços coloridos e reverberantes de *Barroco* referem um mundo de perceptível singularidade.

Sob a égide da “Militância Barroca de Paul Leduc”, um texto de Alonso Aguilar (Ultra Dogme) vai ao ponto, cite-se: “A adaptação de *Concierto Barroco* de Carpentier por Leduc pode ser entendida como pura expressão do princípio nuclear do escritor cubano, no sentido em que pode descartar por inteiro a palavra escrita, e que mergulha na musicalidade através da mise-en-scène, movimentos de câmara e ritmo de montagem. Livre de qualquer estrutura narrativa, *Barroco* de Leduc lida com as histórias do colonialismo mexicano, cubano e espanhol, a música popular, a organização política pela pura justaposição. Figuras icónicas, elaborações estilísticas e marcos políticos reconhecidos são indiscriminadamente extraídos de eras e geografias, para coalescerem neste caldeirão cultural.”

Numa rima barroca, a sessão começa com a curta-metragem colectiva *Monjas Coronadas*, realizada dez anos, documentando uma visita a uma exposição homónima no Museu Nacional do Vice-Reinado de Tepotzotlán. Eis um género de pintura nomeado a partir de mulheres retratadas com coroas de flores na cabeça honrando a profissão de monjas, durante o período colonial da Nova Espanha. Organizado à volta da pauta de citações, de uma monja de séculos idos, Sor Juana, *Monjas Coronadas* faz-lhe justiça. É uma bela curta-metragem, matriz de trabalhos futuros de Paul Leduc. *antes morir que exponerse a los ultrajes de la vejez* imprime-se aqui na abertura.

¿De dónde son los cantantes?